

COLÉGIO MARTHA FALCÃO

A PANDEMIA E CRISE DO SISTEMA DE SAÚDE NO BRASIL

MANAUS - AM

2020

ALUNOS: TIAGO R. BEZERRA, MARIO GUERREIRO, MICAELLY  
SANTANA, LARISSA MOTTA E MARIA EDUARDA CLARK.

## A PANDEMIA E CRISE DO SISTEMA DE SAÚDE NO BRASIL

Trabalho necessário para a  
participação e competição na  
Feira de ciências

Orientador (a): profa. Sandra Ferreira

MANAUS

2020

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Desenvolvimento</b> .....	<b>2</b>
<b>Conclusão</b> .....	<b>6</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>7</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>8</b>

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida.

A minha família pelo incentivo para que eu continuasse meus estudos.

Ao Colégio Martha Falcão, por haver proporcionado condições para a realização da pesquisa.

A Professora Sandra Ferreira, pela orientação dada na elaboração deste trabalho.

## INTRODUÇÃO

É notório que a pandemia causada pelo SARS-CoV-2, mais conhecido como Corona vírus, foi de grande impacto para o mundo e o Brasil.

Deste modo, o Relatório foi inspirado pelos eventos atuais, tendo isso em vista, o próprio visa apresentar pesquisas sobre a situação do Corona vírus e como os sistemas de saúde pública no Brasil lidou com a situação da pandemia até o momento atual e a luta para um futuro melhor, preparando assim, estabilidade tanto financeira como social.

## PESQUISA

No início de 2020, ainda que a economia mundial não estivesse em um momento de desempenho brilhante, sinais de retomada de ímpeto estavam sendo observados. No Brasil, particularmente, apesar de que, já em fevereiro, estivessem em queda discreta as expectativas de crescimento do produto interno bruto (PIB), havia sinalização de que estava por vir um movimento de recuperação mais amplo e sustentável para 2020 e os anos seguintes.

O mês de março trouxe, contudo, a confirmação da situação de pandemia causada pelo novo corona vírus, Sars-COV-2, e a necessidade de que deliberadamente partes substanciais da economia mundial fossem colocadas em situação de hibernação, dado que a própria diminuição do contágio pelo vírus seria contingente à redução expressiva de interações sociais e econômicas.

Ficou-se, assim, diante de uma reversão completa de expectativas para o ano, face às incertezas ainda presentes em relação às possibilidades de retomada segura da atividade econômica: medidas de isolamento social ou quarentena abrangem quase todos os países, numa escala e velocidade nunca antes vistas, nem mesmo em períodos de guerra. A contração da economia mundial era esperada em abril deste ano em ao menos 4,9% pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)

O Brasil convive, desde então, com a pandemia e suas implicações sanitárias, sociais e econômicas. O momento marca uma crise caracterizada pela confluência de desafios simultâneos.

Naturalmente, coube ao Estado o encargo emergencial do gerenciamento da crise e de seus impactos.

Seguindo um movimento adotado por grande parte dos governos, a prioridade inicial no Brasil foi o combate à pandemia, assim como a assistência às pessoas e empresas em situação de maior vulnerabilidade. Esse movimento obviamente ensejou despesas extraordinárias, em sua quase totalidade temporárias, mas elevadas, após a aprovação pelo Congresso Nacional do chamado “orçamento de guerra”. Esse orçamento é direcionado para o SUS.

O SUS, como processo de mudança dos modelos de atenção e de gestão das práticas de saúde, exige que os diferentes sujeitos nele implicados se mobilizem em uma ação coletiva. Para realizar esta ação coletiva, seria necessário alterar o padrão de comunicação no campo da Saúde, criando interfaces, conexões, redes de comunicação. Era preciso aproximar o MS do SUS e, por isso, definia-se a seguinte proposição: a construção do Ministério Único da Saúde (MUS). Transversalizar é aumentar o grau de comunicação entre os grupos e dentro dos grupos.

No contexto contemporâneo, somos convocados a manter vivo o movimento constituinte do SUS quando nos confrontamos com as forças de privatização da saúde. Este é o momento da mobilização de universidades e de centros de pesquisa em defesa da Política Pública de Saúde. A humanização das práticas de atenção e gestão do SUS é uma das frentes que aposta no fortalecimento e consolidação da democratização das práticas de produção de saúde.

SUS é reconhecido como o Sistema Público de Saúde. Deve, portanto, exercer ações públicas. Antigamente, quando se falava em ações públicas de saúde se pensava na concepção antiga da saúde pública: ações mais coletivas e de promoção e proteção à saúde e para as doenças de maior interesse coletivo e com pouco apelo comercial, como tuberculose, hanseníase, malária, febre amarela, doença mental etc. Hoje, a concepção e o campo da saúde pública, enquanto SUS, é abrangente, incluindo o individual e o coletivo, com ações de promoção, proteção e recuperação da saúde em todos os campos e fazendo

todos os campos como vigilância sanitária, epidemiológica, saúde do trabalhador, alimentação e nutrição, saúde da pessoa portadora de deficiência e todos os procedimentos: consultas, exames, urgências, internações, cirurgias, transplantes, UTI etc.

Sem as medidas preventivas os números poderiam ser ainda mais alarmantes e gerar consequências insustentáveis para os sistemas de saúde em todo o mundo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou que os países ampliem realização de testes em pacientes com sintomas do novo Corona vírus e fortaleçam ações de isolamento daqueles com suspeita de infecção. Na avaliação da entidade, que coordena os esforços globais de prevenção e combate à pandemia, tão ou mais importante que adotar medidas de redução da circulação e aglomeração de pessoas é assegurar os exames e o isolamento.

O diretor-geral da OMS destacou ainda a importância de prevenir e combater os efeitos econômicos e sociais da pandemia. Ele informou que está em diálogo com associações internacionais de empresários para que orientem os negócios em todo o mundo a assegurar direitos e medidas de proteção aos funcionários.

Outra preocupação envolve o abastecimento de itens essenciais, especialmente medicamentos. A OMS busca sensibilizar indústrias e firmas para evitar qualquer tipo de ausência de itens essenciais no mercado. Um dos principais debates em meio à pandemia do novo Corona vírus se dá acerca da reabertura do comércio, reabertura em fases. Para o setor de franquias, a volta à normalidade também passa por analisar a situação de regiões menos afetadas e abrir o comércio aos poucos nessas localidades. Os países precisam de uma "estratégia de saída", ou seja, uma maneira de "eliminar" as restrições e conseguir voltar ao "normal", mas o Corona vírus não vai desaparecer, suspendendo as restrições que estão retendo o vírus, os casos inevitavelmente aumentarão, é um enorme desafio científico e social, havendo um protocolo básico para que os restaurantes, lojas, escolas, voltem a abrir,



com o essencial e as medidas necessárias nesse novo tempo com o uso de máscaras, limitação da capacidade de atendimento, distanciamento mínimo, oferta de álcool gel e rigorosas práticas de higienização farão parte do novo padrão.

O que podemos fazer para não sobrecarregar o sistema de saúde? No caso do Brasil, os primeiros dias de contágio mostram uma curva de transmissão muito parecida com a da Itália e, por essa razão, foi preciso ligar o alerta. A expectativa é que a suspensão das atividades comerciais reduza os deslocamentos e a velocidade de contágio, garantindo que não haja sobrecarga no sistema de saúde. Mesmo com a reabertura do comércio, nos últimos tempos, não significa o fim da pandemia obviamente.

Como será a economia após o Corona vírus? A economia brasileira vai ter um longo e difícil caminho para superar a crise provocada pelo Corona vírus, a pandemia também escancarou a elevada desigualdade social no país e abriu um debate sobre o papel do Estado na economia e na condução das políticas sociais.

É impossível pensar que essa inimaginável experiência de máscaras, distanciamento social, perdas humanas e cancelamento da vida não trará consequências após o final da pandemia. É cedo para saber exatamente quais. Quanto mais tempo durar a crise, maior será o dano econômico e social. Os analistas podem demorar anos e até décadas para explicar todas as implicações do que se vive nesses dias.

O paradoxal, ou não, é que esse vírus explora as características da vida que nós mesmos nos demos. Superpopulação, turismo maciço, cidades imensas, viagens aéreas constantes, redes de fornecimento a milhares de quilômetros e uma extrema desigualdade na divisão da riqueza e nos sistemas de saúde públicos.

A crise atual não é tão catastrófica como uma guerra mundial e a devastação que vivenciaram em outros momentos conturbados, mas seus efeitos econômicos serão enormes.

## CONCLUSÃO

Portanto, é indubitável, que por meio da pesquisa conduzida pela equipe da feira de ciências, que o Corona vírus e suas consequências para o Brasil e o mundo serão enormes, visto isso, cabe tanto a nós como cidadãos de seguirmos com nossas responsabilidades de deveres, como os profissionais de saúde devem ser capazes de priorizar sua própria saúde física e mental, seguir protocolos de prevenção e controle para voltamos ao normal.

## BIBLIOGRAFIA

<https://coronavirus.saude.gov.br/>

<https://covid.saude.gov.br/>

<https://medprev.online/>

<https://www.scielosp.org/article/icse/2009.v13suppl1/493-502/>

<https://saude.abril.com.br/>

<https://www.ipea.gov.br/portal/>

# ANEXOS



